

**"NO QUARTO 19":
UMA REFLEXÃO SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA**

Vera Lúcia Lenz Vianna
Universidade Federal de Santa Maria

"No quarto 19", conto de Doris Lessing publicado em 1958, narra a trajetória de uma mulher – Susan Rawlings – através de sua auto-percepção e da apreensão do eu autêntico. Os efeitos fatais causados pelo casamento burguês, a fragmentação da identidade feminina daí resultante, a extenuante procura pelo significado da vida e a tensão entre o eu social e o eu marginal são tópicos desenvolvidos e explorados ali. Este assunto tem levado críticos literários a concluir sobre a existência de um grau considerável de continuidade na produção literária feminina, uma uniformidade, uma mesma preocupação, uma abundância de elementos análogos que ventilam a possibilidade de que a ficção produzida por mulheres constitui-se num universo que se rege por princípios próprios. Esta teoria tem sido objeto de estudo e investigação de vários críticos da área, entre outros, Annis Pratt (1981), que a chamou de "*wave theory*".

A preponderância masculina e o ocultamento e diluição do poder feminino datam de tempos imemoriais. Os mitos, como o de Perseu e Medusa, por exemplo, ilustram tal situação. A imagem transmitida de Perseu pelo mito é a do herói libertador e a de Medusa, de um monstro aterrorizante. Perseu tem a força de um poder patriarcal, receoso de qualquer manifestação feminina forte, representada pela figura de Medusa que, mesmo reclusa a uma caverna, continua dando demonstrações de poder. Ao decapitá-la, Perseu nada mais faz que cimentar a noção de opressão ao sexo feminino, cuja destruição é necessária, para garantir ao homem poderio absoluto. Medusa, por seu turno, é o próprio símbolo do feminino, que deve ser desvirtualizado e enfraquecido. A caverna em que é confinada serve de metáfora ao espaço doméstico limitado que a mulher foi induzida a ocupar, simbolizando a vida obscura e passiva a ela reservada. O gesto triunfante de Perseu, por sua vez, representa o jugo do feminino ao masculino. Assim, na cultura ocidental, o mito da Queda liga-se à mulher, vista como causa do

sofrimento humano. Esta versão mítica serviu de argumento vital para a sua opressão, na tradição patriarcal do Ocidente. Num consenso secular, tal mentalidade elaborou, ao longo dos anos, uma série de explicações e raciocínios, conceitos e valores tendenciosos, prejudiciais à integridade psicológica feminina. Em pleno século vinte, por exemplo, Sigmund Freud teorizava sobre a sexualidade da mulher, em termos de uma "*condição castrada*": ela sente a falta e a inveja do pênis, daí considerar-se inferior. O psicanalista ratificava e endossava, desse modo, todas as noções sobre a superioridade masculina, em plena modernidade (cf. Freud, 1963).

O enfraquecimento da identidade feminina durou tanto tempo e a internalização de valores distorcidos se deu tão profundamente, que a mulher se tornou infantilizada e dependente da autoridade do homem, de tal modo que seu amadurecimento e auto-estima foram sufocados e difíceis de aflorar à luz. Assim, o surgimento da nova mulher deu-se muito lenta e gradativamente, e a ficção produzida por mulheres parece ser, muitas vezes, um relatório originado do campo de batalha da política sexual, algumas vezes, sonho de um mundo mais humano.

"*No quarto 19*" configura-se não somente como um conto sobre a rebelião matrimonial, mas, também, como uma análise que penetra de maneira perspicaz e profunda no universo feminino. A heroína Susan Rawlings é focalizada antes e depois do casamento e, embora aparentemente tenha obtido sucesso na área profissional, antes de dedicar-se exclusivamente ao casamento e à vida familiar, a ironia sutil que envolve sua descrição ajuda-nos a ver, na mulher ativa, uma personagem desprovida de percepção mais autêntica e questionadora. Os dois primeiros anos de casamento são descritos de modo tal, que sugerem a idéia de uma conduta pré-fixada, pré-determinada por algo maior que os Rawlings: o sistema burguês. Quando os filhos chegam, Susan abandona o emprego, assumindo de imediato a função de mãe e esposa, acreditando ser este o passo mais acertado e natural a tomar. Ao abarcar a responsabilidade total dos encargos desta nova fase, Susan chama a atenção para o que acreditamos ser consequência de uma assimilação de valores engendrados pelo patriarcado e que serviram de processo doutrinário em prejuízo da mulher. Assim, Susan Rawlings, a bem sucedida publicitária, deixa-se envolver pelos mecanismos sociais a tal ponto que sua rendição aos mesmos acaba sufocando sua identidade. Duas figuras dominam o conto de Lessing: Susan e Mathew e, apesar do enfoque direcionado para o personagem feminino, a autora enfatiza uma esfera maior que a individual, examinando modos de organização social. Fica claro, desde o início, que o casal age e assume papel distinto

na sociedade em que vive. Assim, o contraste aí estabelecido realça a realidade da mulher. Enquanto Mathew participa ativamente do mundo exterior, Susan tem a vida reduzida aos limites do lar. Quando Mathew comete adultério pela primeira vez, Susan o perdoa, pois era inevitável que o marido, "*louro, atraente e viril às vezes se sentisse tentado pelas mulheres bonitas presentes nas festas e reuniões às quais não podia comparecer*" (p. 365). A ironia é transparente. Percebe-se, aqui, a denúncia do casamento burguês e do tratamento desigual que nele homem e mulher recebem. Ao perdoar Mathew, Susan novamente endossa o status-quo vigente, submetendo-se aos moldes e valores que evidenciam a proteção e o privilégio concedidos ao sexo masculino.

O mundo de Susan começa a desabar mais tarde, quando os filhos passam a frequentar a escola e ela tem mais tempo para refletir sobre sua existência. Sensações de vazio e inquietação começam a persegui-la e a avolumar, transformando-se em pânico. O relacionamento com Mathew se deteriora e ela sente-se cada vez mais sozinha; uma ilha às vezes, um iceberg, outras. O medo desta nova mulher que lhe é estranha e dos novos impulsos que lhe invadem o ser é constante. Ao deixar-se confinar à esfera doméstica por tantos anos, não consegue dar novo impulso, nova direção à sua vida e acaba confusa e perdida. Começa então a se questionar sobre "*o que era Susan em sua essência*" (p. 367). No jardim é acometida por pensamentos que a fazem refletir sobre sua condição. Inicialmente procura evitar o "*inimigo*" que ali habita, metáfora de sua consciência que aflora e que em vão seu eu socializado tenta abafar. De natureza calma e reconciliadora, o temperamento de Susan passa a inquieto e irritadiço, e ela é de repente sacudida por uma explosão de raiva contra os filhos (p. 369). Agora o conforto físico que Mathew tantas vezes lhe proporcionara não é mais suficiente para acalmar a angústia que passa a acompanhá-la. Susan está consciente de que é prisioneira de alguma coisa maior que ela própria e, em seu discernimento embotado, acredita estar doente. Lessing parece dizer que o mal está no âmago da sociedade e não em algum lugar escondido de uma anomalia individual. Com sua personagem, a autora descreve a luta silenciosa de muitas outras Susans. A procura pelo significado da vida por ela empreendida simboliza a mesma procura de outras mulheres na vida real. É uma luta gigante, onde o desejo de autenticidade por uma consciência independente vê-se barrado por princípios gerais e modelos coletivos. Susan representa a imagem socializada da mulher oprimida e subjugada ao silêncio e à receptividade das necessidades do homem e da família. A confrontação entre o seu eu marginalizado e o

seu eu socialmente estruturado é dolorosa. Diante da família, ela se porta com uma *"consciente e controlada decência que parece enlouquecê-la"* (p. 372), mas, quando se vê sozinha, toma atitudes inesperadas como a de trancar-se no banheiro ou no quarto de hóspedes para tentar fugir às pressões do dia-a-dia, *"uma pressão dolorosa na superfície da pele, uma mão pressionando seu cérebro"* (p. 372).

Ao refletir sobre sua condição em termos de *"servidão"*, Susan dá mostras de que sua auto-percepção ainda não é satisfatória, no sentido de promover a mudança e o crescimento legítimos de comportamento, capazes de humanizar sua vida. Ao procurar fugir de sua condição, isola-se cada vez mais no quarto de hóspedes, que agora exibe uma placa: *"Reservado, não perturbe!"*. Deste modo, Susan impede que um processo vital se estabeleça, ou seja, ela corta o canal de comunicação com o mundo lá fora e impede o contato entre sua consciência e a palavra. Isto a conduz a um sofrimento maior e a sentir, com mais intensidade, o peso do eu fragmentado. Assim, Susan permite, embora inconscientemente, que novos vazios e novos silêncios invadam seu íntimo. Desacreditada do mundo e de si própria, percebendo-se insignificante e impotente, entrega-se à estagnação e à debilidade física e mental. Na tentativa de isolar-se cada vez mais, aluga um pequeno quarto no hotel de Miss Townsend onde *"pudesse ir e ficar sentada, sozinha, sem ninguém saber onde ela estava"* (p. 376). Susan acredita estar louca e, aos poucos, parece perder até a capacidade da emoção. Quando o hotel de Miss Townsend não lhe parece mais seguro ao seu anonimato, submete-se ao aluguel de um quarto num hotel de aparência pouco recomendável. Em casa, exerce suas atividades mecanicamente, sonhando com o momento de chegar no *"quarto 19"*, onde se deixa ficar, sentindo o vazio apenas. Este espaço lhe é cada vez mais vital e ela começa a ausentar-se de casa todos os dias da semana. Ao ser questionada sobre a existência de um possível amante, prefere confirmar o fato a explicar a angústia e a solidão que a destroem.

A visão final que temos de Susan é a de um indivíduo desprovido de processos humanos vitais, como os da cognição e articulação, não só ao nível da fala e da língua, mas também ao nível da emoção. O código dominante do conto parece ser o da paralisia, uma vez que Susan se sente como se estivesse impossibilitada de agir e pensar. Assim, a heroína de Lessing vai encontrar na morte a liberdade sonhada. Conscientemente, abre o gás, *"empurra o tapete fino contra a porta"*, *"verifica se as janelas estão bem fechadas"* e deixa-se ficar ali, no *"seu"* quarto 19, deitada, *"ouvindo o*

leve, brando chiado do gás que se espalhava... para dentro do seu cérebro, deixando-se deslizar para dentro do rio escuro" (p. 396). Eis a dimensão trágica do conto.

Ao criar Susan Rowlings, Doris Lessing denuncia a condição da mulher oprimida em sua luta inevitável pela emancipação. Descrevendo sentimentos variados como o medo, a inquietação, o ressentimento e a solidão, Lessing ilustra a batalha silenciosa da mulher que tem sua consciência despertada mas que, por não se conhecer plenamente, por ignorar sua própria força, deixa escapar a ocasião de manifestar-se e promover mudanças significativas. Com isso, Lessing evidencia o conflito que se instaura entre o não ser e a coragem de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund. *Sexuality and the psychology of love*. New York: Colier books, 1963.
LESSING, Doris. No quarto 19. In: _____. *O quarto 19*. Trad. Tati Moraes. Rio de Janeiro: Record, 1957.
PRATT, Annis. *Archetypal Patterns in Women's Fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1981.